O internacionalismo nacionalista

O que está em marcha é a constituição de uma federação transnacional de forças iliberais de direita radical e extrema-direita, que atravessa as democracias ocidentais.

Nuno Severiano Teixeira | *Público* | 23 de Julho de 2025

Vem aí o internacionalismo nacionalista. Parece uma contradição nos seus termos. Mas, pelo que estamos a assistir, parece, mas não é. O que está em marcha é a constituição de um movimento internacional de associação de nacionalismos populistas. Uma federação transnacional de forças iliberais de direita radical e extrema-direita, que atravessa as democracias ocidentais. E, mais uma vez, Trump está no centro dessa dinâmica.

Quando chegou ao poder, em 2017, e durante o seu primeiro mandato, Trump tinha poucos aliados internacionais. Teve pouca ou nenhuma solidariedade ideológica e política. E mesmo os mais próximos, como Netanyahu ou Modi, quando, em 2020, ele disse que a eleição lhe tinha sido roubada e não aceitou a derrota, usaram a tradicional real politique e reconheceram a vitória de Biden. O padrão internacional aceite como legítimo era, ainda, o da democracia liberal, na política interna, como o do internacionalismo liberal, na política externa.

Tudo isso está a mudar neste segundo mandato. De Orbán a Fico e Meloni, de Milei a Bukele, Trump tem aliados na Europa e na América Latina. Antes, era uma excepção ao padrão internacional. Agora, começa a ser uma regra.

Os populismos estão numa onda crescente em muitas democracias ocidentais. Alguns destes aliados de Trump estão no poder, são presidentes ou primeiros-ministros. Outros, no Parlamento, lideram as oposições. Antes, eram marginais ao sistema. Agora, fazem parte do sistema, mas querem miná-lo por dentro. A expressão eleitoral que ganharam conferiu-lhes legitimidade política e aproximou-os do *mainstream*. Mas continuam a dizer-se anti-sistema e a capitalizar, com isso, o descontentamento popular. Nacionalistas, recusam a globalização, afirmam as especificidades nacionais e os mais radicais a sua marca identitária.

Durante o primeiro mandato de Trump, populistas americanos e europeus desconfiavam, ainda, uns dos outros e, apesar do périplo de Steve Bannon pela Europa, não conseguiram fundar a internacional nacionalista e poucas ou nenhumas foram as manifestações de solidariedade ideológica

ou aliança política. Mas, em seis meses de segundo mandato, tudo isso mudou. E não só os países liderados por governos populistas têm privilegiado o diálogo e aproximado posições na cena internacional, como têm sido evidentes as manifestações de solidariedade ideológica e política de Trump aos governos e

partidos de direita radical e extrema-direita na Europa e na América Latina. Muitas vezes, violando os princípios mais básicos da convivência diplomática.

Basta lembrar a vinda, em Fevereiro, de J.D. Vance à Conferência de Munique, nas funções de vice-presidente. A insolência com que humilhou os aliados europeus na sua própria casa, ou a desfaçatez com que apoiou, descaradamente e em plena campanha eleitoral alemã, o partido de extrema-direita AfD. Em violação grosseira e ostensiva do princípio de não-ingerência nos assuntos internos dos outros Estados.

Mas o que pode considerar-se o ponto de viragem foi a ameaça declarada de impor ao Brasil uma tarifa de 50%, com o objectivo de pressionar não só o Governo, mas também a justiça federal, para pôr termo ao processo-crime contra Bolsonaro pelo seu envolvimento na tentativa de golpe de Estado após ter perdido as eleições de 2022. E, agora, a revogaç ão imediata do visto de entrada nos EUA ao juiz titular e a mais sete juízes federais, encarregados do processo. Da solidariedade ideológica, passou ao apoio político e do apoio político à protecção pessoal. Tudo em nome dos princípios e valores que partilham: a xenofobia e a aversão aos imigrantes; a produção fóssil e a negação da mudança climática; a recusa das vacinas e a negação da ciência; e, claro, o ódio às elites que, dizem, são todas corruptas. Une-os esta infra-estrutura ideológica transnacional.

Mas faltava-lhes a cooperação política internacional. Estão agora a construí-la.

No plano interno, o objectivo é o ataque à democracia liberal. Não à democracia eleitoral, mas ao Estado de direito, ao respeito pelas minorias e pelos direitos humanos. No plano externo, é a substituição da ordem internacional liberal por outra, não baseada em regras, mas em negócios, não no direito, mas na força, não em alianças políticas, mas em solidariedades ideológicas; não nas relações institucionais, mas em relações pessoais. Isto é, substituir o internacionalismo liberal por um internacionalismo nacionalista. Mas, atenção, o internacionalismo nacionalista, no plano internacional, visa reforçar a direita radical e a extrema-direita, no plano interno. Convém não esquecer.

https://www.publico.pt/2025/07/23/opiniao/opiniao/internacionalismo-nacionalista-2141339